

Olhe nos meus olhos...

Autores

Efraim Sanches Pereira

1. Introdução

2. Objetivos

3. Desenvolvimento

Olhe nos meus olhos...

Era uma noite fresca, de lua cheia. Apesar das luzes da cidade, mesmo àquela hora da madrugada, dava para perceber a luminosidade do astro. Parado, olhando pela janela, Álvaro viu-se como de fato estava: só e sem rumo.

Ainda mais depois daquele sonho. Estranho? Talvez estranho não fosse o termo correto. Tentou recordar. Via-se na casa de seu pai, no sítio da família. O velho, seu pai, estava na sala, sozinho. Era noite. Sentado à mesa, brincava com uns pequenos papéis de cartolina recortados em forma retangular, do tamanho de cartas de baralho. Todos possuíam desenhos estranhos, incompreensíveis. Eram “embaralhados” por ele, e de quando em quando, interrompia essa atividade. Desenhava em uma folha de papel figuras desconhecidas, e novamente misturava os pequenos cartões. Essa prática continuava por algum tempo. De repente ele voltou-se para mim, sorriu, e, apontando para o seu rosto, ficava repetindo: “Olhe nos meus olhos...!” Ao ouvir a voz do pai, Álvaro acordou sobressaltado, com o corpo molhado de suor.

Agora desperto, revia mentalmente o semblante paterno. A face de seu pai, fruto do sonho ainda vívido, sem saber porquê, fazia-o pensar na vida. O que havia acontecido desde então?

Saíra da casa paterna em busca de vencer profissionalmente. Afinal, quais seriam suas possibilidades na cidade natal? Concluir com sucesso um curso de informática, trabalhar em troca de um salário modesto, numa das poucas empresas ou escolas do lugar, viver uma vida pacata, encontrar, quem sabe, uma garota caseira e doméstica, casar-se, financiar a casa própria etc., etc., etc...? Não, isso não era para ele. Álvaro queria mais...

Assim, depois de convencer os pais do que seria melhor para si, partira em busca do sonho. A cidade grande respondeu positivamente a Álvaro. Arrumou um bom emprego em uma multinacional, comprou seu próprio apartamento, e fez muitos amigos e amigas. Porém, o sucesso não impediu que ele estivesse, nessa noite, debruçado no parapeito de sua janela, madrugada adentro, pensando e

questionando-se sobre o sentido de sua vida.

Estava olhando perdido em seus pensamentos, quando o viu. Era impressionante. Seus pelos ficaram todos eriçados, sentiu o sangue gelar-lhe nas veias e um arrepio percorreu sua espinha, dando a impressão de que todo o seu corpo de repente se tornava insensível, como se estivesse todo ele, dormente.

O que era aquilo? Primeiro esfregou os olhos, depois beliscou seu braço esquerdo, mas aquilo ainda estava ali, olhando-o, cerca de um metro do alto das árvores, pairando qual um pássaro noturno. Olhava-o! Álvaro, passado o susto, percebeu o brilho intenso que emanava dos olhos daquele, digamos, daquela aparição. Sim, porque não havia como definir aquilo a não ser com essa expressão, “aparição”.

Sentiu que a “aparição” não desejava fazer o mal. Os olhos brilhavam de forma intensa, profunda.

No instante seguinte, a aparição sorriu para Álvaro, e depois, simplesmente, da mesma forma como aparecera, sumiu na escuridão, deixando apenas uma pequena esteira de luz, que rapidamente se desfez.

Se o sono havia sumido depois de sonhar com o pai e pensar na vida, agora é que Álvaro não poderia mais dormir. Estarrecido, deixou a janela, foi para a cozinha e abrindo a geladeira, procurou algo para beber. Achou uma cerveja, mas pensou melhor e preferiu coisa mais forte. Abriu o congelador de seu refrigerador e, tomando a garrafa de vodca, serviu-se fartamente da mesma, num trago que mais parecia o último gole de um viajante do deserto que precisa deixar o oásis.

Meia garrafa depois, já mais calmo, começou a pensar no que ocorrera, e achou que se tratava apenas de uma ilusão de ótica, e, vencido pelos vapores do álcool ingerido, adormeceu no sofá mesmo.

Acordou, pela manhã, com o despertador de seu quarto gritando insistentemente. Levantou-se de mau humor, e, após um rápido banho, lá estava ele, preparado para mais um dia de trabalho.

Saiu de seu prédio, e, como de costume, andando algumas quadras, alcançou o metrô e, juntamente com a multidão, dispôs-se a esperar pela sua composição. Distraidamente, olhava a multidão, quando do outro lado, para embarcar no trem em sentido contrário, avistou algo que o deixou sem fôlego. Era simplesmente linda, ou, mais ainda, uma deusa. Cabelos revoltos, rosto delicado, altura média, talvez uns vinte e seis ou sete anos, vestida com roupas pouco comuns, de origem oriental. Álvaro olhava, extasiado, quando a bela jovem, virando-se, cruzou os seus olhos com os dele. Houve um momento de constrangimento, mas, após alguns segundos, ela simplesmente sorriu.

Como do nada, o trem se materializou entre eles e, quando a composição saiu, Álvaro contemplou a estação vazia. Onde teria ido?

Depois de algumas semanas, a rotina sufoca as suas experiências passadas. E ao final de um desses dias estafantes, Álvaro é convidado pelos seus amigos e colegas de trabalho para relaxar num barzinho ali perto.

- *Vamos tomar algumas, estou precisando...* – afirma Carlos, seu companheiro

de equipe. Álvaro concorda e, logo depois, já estão com algumas garrafas vazias na mesa. Nesse momento, duas moças se acercam, são convidadas para sentar e aceitam. Carlos logo murmura palavras aos ouvidos de uma delas e, pouco tempo depois, desculpam-se e saem...

- *Vocês estão passeando?* – Álvaro pergunta.
- *Não, estávamos procurando algumas mercadorias e nos sentamos aqui para descansar um pouco... A propósito, meu nome é Dina. O seu...?*
- *Álvaro - Responde ele.*
- *O que você faz, Álvaro?*
- *Trabalho com programas de computador para indústrias. Bolamos os mesmos e depois proporcionamos os suportes. É muito compensador...*
- *Sei! Eu tenho uma pequena loja de roupas e também não posso me queixar. Se bem que, ultimamente, venho me perguntando o sentido disso... “pinta” uma sensação de vazio, de perda de tempo...!*
- *Acho que é essa nossa correria. Eu também tenho me sentido assim ultimamente. Sabe, vim do interior, onde a vida é menos estressante, mais segura. Aqui, a gente vive sobressaltado o tempo todo, é muito barulho e acaba que não temos tempo para refletir.*
- *Refletir sobre o quê? Você é daqueles homens que vivem filosofando? Quando estou assim, uso a minha arma secreta...*
- *Arma secreta? Exclama Álvaro.*
- *E posso conhecer esse segredinho?*
- *Só se você vier comigo...*
- *Onde?*
- *Bom, meu apartamento é aqui perto...*

Álvaro já estava meio alto. Teve medo. Afinal era uma estranha, nunca tinha visto aquela garota na vida. Pensou: Pode ser um assalto! Depois, lembrando que não tinha muito dinheiro na carteira, resolveu topar a brincadeira.

Pagou a conta e saíram, rindo de nada, soltos, em direção a um prédio muito bonito, de aparência luxuosa. Ao chegar na portaria, Álvaro percebeu que estava em um residencial de certo nível. Subiram ao 13º andar, e ele ficou surpreso com o apartamento. Uma ampla sala, com móveis caros, dois ambientes, as paredes revestidas de belas pinturas de estilo mais moderno, bar e também um piano de meia cauda.

Dina serviu uma bebida e, logo depois, colocou uma música suave para tocar. Ambos se olharam por instantes.

- *Vou trocar de roupas, já volto. Fique à vontade!*

Dina saiu da sala e Álvaro ficou observando as pinturas. Deu-se conta de que já era noite fechada, pois pela janela da sacada visualizou a cidade, toda iluminada.

Depois de alguns instantes, Dina volta com um estojo.

– *Meu segredo!* – Diz ela, com um olhar tenso. Ao abrir, um saquinho com um pó branco, seringas e outros apetrechos que, embora Álvaro nunca tivesse visto, sabia do que se tratava. E ela, sem mais demora, jogou um pouco do pó sobre a mesa de vidro e com um tubinho, aspirou longamente.

– *Não vai provar? É de ótima qualidade. Vem cá, vem...* – chamou carinhosamente. Em ato contínuo, os dois se abraçaram, primeiro com ternura, depois com uma quase violência. Amaram-se apaixonadamente.

Vencido pelo cansaço e já bem alto, apesar de não experimentar a droga, Álvaro adormeceu. Teve sonhos estranhos, com gritos, alguém chorando, e sons de objetos sendo quebrados. Acordou sentindo uma leve dor de cabeça, e percebeu que ainda estava na sala, deitado sobre um dos sofás.

Estava tudo escuro. Identificou o som da rua, e pensou estar em sua casa. Olhou melhor e, aos poucos, foi recobrando a consciência. Lembrava-se agora do que havia acontecido. Levantou-se com certa dificuldade, pois ainda estava meio tonto e acendeu um abajur de uma das mesas de canto da sala. Assustou-se. Muitos objetos quebrados, garrafas pelo chão e quadros sem moldura, danificados.

Não havia ninguém na sala. Sobre a mesa, o estojo, mas sem os apetrechos que estavam dentro da caixa.

Olhou pelo corredor e viu uma luz acesa. Era do quarto onde Dina dormia. Foi até lá.

No momento que atravessou a porta, estacou paralisado. Sobre a cama, em completo desalinho, totalmente nua, estava Dina. Seu corpo se encontrava atravessado sobre a cama. Aproximou-se para chamá-la, mas, ao tocá-la, estava gelada. Olhando mais detidamente, percebeu que dos seus lábios saía uma espécie de espuma branca, seus olhos estavam vidrados e fitavam o nada. Seu braço, o esquerdo, ainda mantinha uma agulha espetada, a seringa havia se desprendido dela.

- *Está morta!*

Não era preciso ser um *expert* para perceber o que acontecera. Mas, o que fazer? Seu primeiro ímpeto foi fugir. Percebeu que estava nu. Voltou para a sala e procurou suas roupas e, nervoso, começou a se vestir.

– *Será que está morta mesmo?* Pensou.

Dirigindo-se ao quarto, olhou mais detidamente o corpo. Não teve dúvidas: Dina já era!

Persistia a pergunta: O que fazer?

Saiu do quarto novamente.

Ao aproximar-se da sala, já certo de que deveria se retirar daquele apartamento, ei-lo novamente. Dessa vez, Álvaro quase desmaiou. Aquele ser, a “aparição”, de novo, do lado de fora da sacada, apoiado em nada, flutuando, e olhando-o de forma interrogativa, firmemente.

Álvaro sentou-se. Não podia acreditar naquilo. Uma situação como aquela e ele tendo alucinações... Mas, por mais que piscasse ou se beliscasse, a Coisa não ia embora. Levantou-se e, depressa, foi ao banheiro para molhar o rosto.

- *É uma alucinação, pensou. Estou bêbado ainda.*

Ao retornar, para seu espanto e horror, “aquilo” continuava no mesmo lugar.

Olhando fixamente para os olhos daquele ser, Álvaro de repente compreendeu! Os vapores do álcool se dissiparam. Sua mente ficou clara como água. A educação que recebera, seu caráter, não referendavam sua atitude de fugir. Era preciso enfrentar aquele momento trágico com responsabilidade. Olhando naqueles olhos estranhos e fantasmagóricos, mas de uma grande firmeza, Álvaro percebeu que a única coisa aceitável era chamar as autoridades e não se furtar de sua responsabilidade. Num instante, entendeu que o sentido da existência estava justamente na aceitação de si mesmo. Foi ao telefone e ligou para a polícia, comunicando o ocorrido. Ao olhar novamente para a sacada, a “aparição” tinha sumido.

Os dias se passaram. A rotina foi apagando da memória recente, pouco a pouco, os acontecimentos. Para sua sorte, Dina mantinha uma câmera de vídeo, que gravava todos os seus programas, e, dessa vez, havia gravado também sua morte por overdose. Álvaro não passara de mais um caso.

Mais uma manhã. O trem lotado, a promessa de mais um dia estafante de trabalho. Álvaro, sentado, estava perdido em seus pensamentos e ainda meio sonolento, embalado pelas sacudidelas da composição. Mais uma estação. Entra e sai de gente. De repente:

- *Bom dia! Posso me sentar?*

Álvaro ia responder, mas ficou sem fala. Aquela garota, a da estação de tantos dias atrás, mais linda ainda, sorrindo, espera uma resposta. Balbuciante, nem pensa em dizer outra coisa:

- *Claro, será um prazer...*

Ao passar os olhos pela janela, num relance, não sabe se vê ou imagina, mas um par de olhos fulgurantes fita o casal, um sorriso pressentido no olhar: *“Olhe nos meus olhos...”*.

4. Resultados

5. Considerações Finais
